

## O Exercício do Olhar como Possibilidade para Interpretar Práticas Escolares do Passado

(The Exercise of Look as Possibility to Interpret School Practices from the Past)

ANDRÉIA DALCIN<sup>1</sup> e ARLETE DE JESUS BRITO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([andrea.dalcin@ufgs.br](mailto:andrea.dalcin@ufgs.br))

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista ([arlete@rc.unesp.br](mailto:arlete@rc.unesp.br))

**Resumo.** Nesse artigo realizamos a análise de uma imagem produzida por Cesare Mariani, no século XIX que representa La Salle em uma situação de ensino em sala de aula. Consideramos, conforme Garnica (2008) que a análise é um processo de desconstrução e construção contínuas de narrativas. Por meio desse processo, concluímos que tal pintura tinha por objetivo educar os modos de pensar sobre o ensino lassalista e por isso nos possibilita refletir sobre aquele ensino e também sobre as práticas escolares atuais que provém dele.

**Abstract.** In that article we analyze an image produced by Cesare Mariani, in the century XIX, that represents La Salle in a teaching situation in classroom. We consider, according to Garnica (2008), that analysis is both a demolition and construction process of texts, what constitute news narratives. After we had applied this process, we have concluded that such painting means to educate the manners of thinking about the lassalista teaching and, beside this, that process to make possible to us to reflect about that teaching and the now-on-day school practices that comes from it.

**Palavras-chave:** ensino lassalista, história, análise de imagens

**Key-words:** lassalista Teaching, history, analysis of paintings

### Introdução

O ímpeto de representar o visto e o imaginado por meio de imagens parece fazer parte do modo de ser social da espécie humana. Desde as pinturas rupestres aos hologramas, as imagens cumpriram e cumprem diferentes funções sociais. Assim, por exemplo, se na Grécia do século V a.C. se elaboravam imagens para representar deuses e/ou fatos históricos que deveriam ser mantidos na memória da sociedade, a partir do século IV, tais imagens passaram a ter reputação não apenas pelo que representavam, mas também por sua adequação ao padrão de beleza da época e eram discutidas pelos gregos educados tanto quanto os poemas e o teatro (cf. GOMBRICH, 1993).

Já na Idade Média as imagens assumiram novas funções, como por exemplo, ajudar os cristãos que não sabiam ler, a conhecer os ensinamentos sagrados, conforme propôs o papa Gregório Magno, no século VI. Mas para aqueles cristãos da Alta Idade Média, “as imagens não eram apenas úteis de um ponto de vista didático – as imagens eram, acima de tudo, sagradas” (GOMBRICH, 1993, p. 97). Elas seriam sagradas, pois representariam um estado de ser – a santidade – ao legitimar a percepção de uma ideia alegórica cujo sentido precisava ser apreendido pelo fiel, mas cuja margem para

interpretação era restrita, ou seja, não existia muita liberdade no exercício do olhar sobre a imagem, ela seria o que dela se esperava que fosse, um símbolo de fé. As imagens seriam “um trampolim para a contemplação. Como hieróglifos que escondiam ao profano um mistério sagrado, que só uma iniciação permitia penetrar” (JOUHAUD, 1998, p.308). Por outro lado, o caráter didático dessas imagens precisa também ser ressaltado, pois seria por meio delas que o iletrado teria contato com o sagrado e com a possibilidade de uma iniciação, mesmo que restrita e direcionada.

Até os dias atuais, as imagens pintadas, esculpidas, desenhadas em objetos próprios do universo da liturgia católica, a exemplo dos “santinhos”, terços, medalhas, vestimentas, altares e paredes das igrejas e outros espaços de manifestação religiosa como mosteiros, conventos e escolas, legitimam um conjunto de ideias e rituais que caracterizam a doutrina católica e que garantem, em parte, a sua perpetuação através dos tempos. As narrativas que acompanham as imagens direcionam a olhar sobre estas e garantem a sobrevivência de crenças, mitos, lendas e concepções do sagrado, de maneira tão ou mais eficaz do que os textos escritos (DALCIN, 2008), ou seja, elas tentam formar não apenas um “olhar correto”, mas também um “pensar correto”.

No entanto, a incorporação das imagens e suas representações ao imaginário popular dependem de elementos como a criação plástica e a recriação mítica, sendo que a aceitação da criação plástica das figurações religiosas pelos segmentos populares não é passiva e “opera-se nessa dinâmica uma combinação dos elementos presentes nas figurações, que são produzidos novamente para atender necessidades ou ajustar-se às referências próprias da visão de mundo dos segmentos populares” (LOPES, 2003, p.13). Neste processo de adaptação e adequação, elementos são substituídos, retirados ou valorizados atendendo ao momento histórico, as intencionalidades e público a que tais imagens são destinadas.

Nesse artigo, vamos realizar a análise interpretativa de uma imagem (Figura 1) que representa o sacerdote pedagogo João Baptista de La Salle (1651 – 1719) em uma atividade de ensino.



**Figura 1** - La Salle – sala de aula.

**Fonte:** Museu do Vaticano

Segundo Garnica (2008, p. 79), analisar textos, em sentido amplo, seria um “processo que é todo ele de destruição e construção contínuas, de busca a atribuir significados de que estão grávidas as narrativas”. Assim, iniciaremos pela desconstrução/construção da imagem e para isso observaremos não apenas os conteúdos nela presentes, mas também as técnicas utilizadas em sua elaboração, tais como o ângulo de perspectiva, cores, etc. No entanto, concordamos com Cartier-Bresson (2004) quando afirma que, em imagens, o conteúdo não pode separar-se da forma que seria a organização plástica por meio da qual se tornam concretas as concepções e emoções de quem a fez. Nesse sentido, nos alinhamos a Panofsky (2012) que pressupõe três níveis de análise de imagens. O primeiro é a percepção sensorial da forma, ou descrição pré-iconográfica, o segundo nível de análise é a iconográfica. A iconografia busca a intenção consciente do artista. A última etapa é a iconológica, ou seja, a interpretação que pressupõe uma síntese realizada a partir de outros textos da época. Para Garnica (2010)

Ainda que nem todos os teóricos concordem com as definições e níveis de Panofsky, é relativamente fácil detectar nesses níveis a influência da tradição hermenêutica alemã, particularmente a hermenêutica de Ast com seus três níveis de interpretação literária que são sincronicamente correspondentes aos níveis de Panofsky: a interpretação literal; a gramatical ou histórica; e, finalmente, a interpretação cultural que visava a captar o espírito (Geist) de determinada obra, período ou sociedade. (GARNICA, 2010,p.85).

Nesse artigo, estabelecemos um diálogo entre a imagem, outras imagens e textos escritos da época como, por exemplo, os que tratam do ensino lassalista, ou seja, a obra *Guia das Escolas Cristãs*, resultado de manuscritos de La Salle originalmente produzidos entre 1704 e 1706 que foi publicado em português em 2012 pela Editora Unilasale e o livro *Institut des école chrétiennes ou le vénérable De La Salle, sus ouvrages et ses disciples* (1875), em que o abade Michel Gex relata a vida do mestre e faz uma síntese dos textos de La Salle e de seus seguidores.

O *Guia* organizado por La Salle e redigido como regulamento é fruto das experiências acumuladas e discutidas nos primeiros 25 anos após a criação da primeira escola lassalista na França. Segundo o prefácio da edição de 2012 o *Guia* divide-se em três partes.

Na primeira, são tratadas as atividades da escola e o que se faz nela desde a entrada até a saída. A segunda expõe os meios necessários e úteis, dos quais os mestres devem servir-se para estabelecer e manter a ordem nela. A terceira trata, primeiro, dos deveres do Inspetor das Escolas; segundo, do cuidado e empenho que deve ter o formador dos novos mestres; terceiro, das qualidades que os mestres deverão possuir ou adquirir, da conduta que devem ter para desempenharem bem as obrigações escolares; quarto, dos deveres dos alunos (LA SALLE, 2012, p. 20).

Queremos ressaltar que essa figura foi escolhida para nossa análise, pois ela nos provoca, enquanto professoras e formadoras de professores de matemática e principalmente como pesquisadoras em História da Educação Matemática. Provoca-nos, pois nos faz pensar sobre outros tempos e práticas, sobre um passado não tão longínquo e que deixou marcas nas práticas escolares contemporâneas. Pensar o presente a partir da análise de imagens do passado nos permite “elaborar uma história por meio do pensamento do sujeito que olha e a imagem que se dá a olhar” (SANTOS et all, 2013).

Ainda hoje encontramos elementos que foram introduzidos pelos Irmãos das Escolas Cristãs, a exemplo dos sinais que, embora adaptados, estão presentes em nossas escolas e exercem a função do controle do tempo. Esta cena rica em simbolismos e informações produzida em 1888 é uma fonte de indícios sobre o cotidiano de uma sala de aula do século XVII, mas também do século XIX, época em que foi pintada, e traz

elementos da organização e significados pensados por La Salle e que foram sendo legitimados por seus seguidores por meio das práticas e discursos que caracterizaram as escolas lassalista dos primeiros tempos.

Nesse quadro (Figura 1) pintado por Cesare Mariani<sup>1</sup> (1826-1901) por ocasião da beatificação de La Salle em 19 de fevereiro de 1888, durante o papado de Leão XIII, vemos La Salle ministrando uma aula. É bom lembrar que a obra foi produzida 169 anos após a morte de La Salle, assim, como Cesare Mariani não o conheceu pessoalmente acreditamos que criou o cenário da aula a partir de suas vivências escolares e o provável acesso às obras e narrativas disponíveis na época sobre o ensino lassalista.

No quadro, La Salle está sentado com postura ereta e expressão tranquila, uma das mãos repousa sobre o encosto da cadeira, ostenta um leve sorriso e uma das sobrancelhas arqueada acompanha um dedo em riste. Provavelmente, esteja corrigindo o aluno que realiza a leitura, ou seja, é o professor ao mesmo tempo sereno e firme em seus ensinamentos, corroborando a máxima que lhe seria característica e que deveria ser orientadora das práticas dos Irmãos no trato com as crianças, qual seja, “firmeza de Pai e ternura de Mãe”. Esse ambiente austero e de tranqüilidade também se expressa nas cores utilizadas no quadro, imperam o marrom e o violeta, cor por excelência relacionada à calma. Além disso, com exceção do verde do casaco de dois pupilos, não há tons contrastantes, já que uma das cores base do marrom e do violeta são a mesma.

A expressão fisionômica com a qual Mariani representa La Salle está de acordo com o que este propunha em seu livro *Les douze vertus d'un bon Maitre* sobre como deveria se conduzir um professor em sala de aula: com gravidade, silêncio, humildade, prudência, sabedoria, paciência, contenção, doçura, zelo, vigilância, piedade e generosidade (cf. GEX, 1875) e também conforme o exposto no *Guia* que orienta que o mestre deverá ficar sempre sentado ou em pé e “cuidará de guardar exterior muito reservado e manter-se sério, sem deixar-se levar por nada de inconveniente ou que tenha algo pueril ou de um escolar, que seria rir ou fazer algo que pudesse levar os alunos a rir” (LA SALLE, 2012, p. 38). Tal atitude do professor seria necessária para não

---

<sup>1</sup> Cesare Mariani foi um pintor italiano de influência renascentista que realizou várias obras de natureza religiosa cristã. Em 1872, o Imperador Pedro II do Brasil concedeu-lhe a Cruz da Ordem da Rosa. Foi membro das Academias de Belas Artes de Perugia, Florença de Milão, Urbino, Carrara, Orvieto e Ravenna e também da junta superior de Belas Artes do Ministério da Educação Pública em 1894. (Adaptado do verbete do Dicionário Biográfico degli Italiani - Volume 70 (2014), disponível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/cesare-mariani\\_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/cesare-mariani_(Dizionario-Biografico)/)).

afugentar os estudantes da escola, já que para os lassalistas, a educação seria um remédio oferecido por Deus para proteger e livrar as crianças dos males que as ameaçariam (cf. GARCIA, 2009).

Era uma época em que grassava a miséria na França devido a guerras conduzidas por Luiz XIV para manter o poder e luxo da nobreza e do alto clero, ou seja, dos dois altos estamentos sociais cujos hábitos afetados foram satirizados por Molière (1622 – 1673), em suas comédias. Durante o período de vida de La Salle vários eventos contraditórios ocorriam na França, por exemplo, por um lado a nobreza estava habituada a uma vida de coisas supérfluas e suntuosas como o Palácio de Versalles inaugurado com seus 700 quartos nesse período, por outro lado, grande parte do terceiro estamento, ou seja, dos pobres era de mendicantes, inclusive as crianças. Estas, em sua maioria, não freqüentavam a escola porque além de haver poucas escolas gratuitas, quando havia alguma, as famílias, não viam utilidade na escolarização, pois além de a organização da sociedade em estamentos não permitir a ascensão de social, as crianças precisavam trabalhar, o que lhes impossibilitava a freqüência a escolas.

Nesse contexto, La Salle propôs sua escola primária gratuita principalmente para filhos de artesãos e outras crianças pobres como forma de evitar que elas se voltassem para a criminalidade, ou seja, sua educação tinha caráter preventivo, além de proporcionar uma formação moral e básica necessária ao exercício do trabalho. A prevenção também era de natureza espiritual e pretendia manter o poder da Igreja Católica, pois nessa época ocorriam as disputas entre católicos e protestantes.

A primeira escola de La Salle foi criada em 1679, em Reims, e era uma escola de caridade custeada pela senhora Maillefer, parente de João Baptista de La Salle. Ele iniciou seus trabalhos atendendo as crianças pobres nos moldes das “escolas de caridade” da época, mas depois em suas “escolas cristãs” passou a atuar também com filhos de pequenos burgueses. Atendia crianças do campo e da cidade sendo que preparou jovens para o magistério rural. Além disso, trabalhou com jovens considerados delinquentes com o intuito de “recuperá-los para a sociedade”. Nesse sentido identificamos sua preocupação com o acesso universal à escolarização que se materializava, segundo Hengemüle (2007), por meio da gratuidade, persuasão, escola e professores atrativos, de ensino eficaz, ensino adequado, método de ensino em massa e um conjunto de ações que pretendiam fortalecer a imagem de suas escolas junto às pessoas que poderiam freqüentá-la ou nela atuar.

Mas, talvez o gesto de estar sentado com dedo em riste, na imagem, queira expressar que ele, como um maestro, rege e dá ritmo à leitura do aluno que está em pé a sua frente. Neste sentido, na obra em questão, o gesto de maestria substitui o uso do “sinal”<sup>2</sup> que era utilizado para orientar o aluno no ritual da leitura. O exercício de leitura era priorizado, na pedagogia proposta por La Salle. Os alunos aprendiam a ler em francês e apenas quando estavam lendo com fluência nesse idioma iniciavam seus estudos em leitura de latim, para somente depois aprender a escrita. A aprendizagem da leitura e escrita do francês era essencial, segundo La Salle, para a formação dos futuros trabalhadores. O processo de aprendizagem da leitura iniciava por meio da leitura de cartazes e depois dos livros de leitura. O menino da imagem está em pé o que nos leva a crer que estaria adiantado no aprendizado e que possivelmente estaria lendo o livro da “Urbanidade”. Até chegar-se a este livro a orientação presente no *Guia* é que a leitura aconteça sempre com os alunos sentados. Sobre o livro da “Urbanidade”

Os alunos lerão neles um após outro. Virão dois a dois, e um após o outro, diante do mestre, de acordo com o lugar que ocuparem no banco e que estão [sentados] e de acordo com a disposição dos bancos na classe; de maneira que todos os do banco seguinte ou do que estiver atrás. (LA SALLE, 2012, p. 61).

A defesa da importância da aprendizagem da leitura e de que os alunos deveriam aprender a ler em sala de aula ao invés de recitar os textos de memória após escutá-los, como se faziam nas Universidades de então, fez parte de vários textos didáticos do século XVII, como por exemplo, dos luteranos germânicos Joaquim Jungius e Christoph Helwig, *Da didática ou arte de ensinar de Wolfgang Ratike* (1621) - *Von der Didactica oder Lehrkunst Wolfgangi Ratichii* –, e no texto *Didática Magna* (1657) de Comenius (cf. BRITO, 2011). Mas, enquanto tais pensadores davam tanta importância à leitura quanto ao ensino do conhecimento que hoje chamamos científico, com grande ênfase à matemática, na escola de La Salle, a aritmética deveria ser ensinada apenas por meia hora, duas vezes por semana (cf. TAVIAGLINI; PIANTKOSKI, 2013). Todavia a preocupação principal além da orientação religiosa está na preparação para o trabalho, para a vida profissional, neste sentido o ensino da aritmética vai além dos algoritmos,

---

<sup>2</sup> Sinal: Pequeno instrumento, inicialmente de ferro e depois de madeira, usado pelo professor lassaliano para comunicar ordens através de ruídos e sinais convencionais. “O sinal tradicional se compõem de duas hastes de madeira dura: uma grossa, avolumada perto da extremidade, e uma fina, presa sobre a parte grossa, avolumada por uma cordinha enrolada ao redor desta. Abaixando e depois soltando a haste fina, ela golpeia a extremidade da grossa emitindo um rápido estalido” (Anselme, p.125) (LA SALLE, 2014, p. 134).

incluía “a redação de faturas e, conforme o nível, noções de agrimensura, práticas de medições” (HENGEMÜLE, 2007, p.193).

Observemos que os bancos estão organizados na sala de aula por grupos. Os alunos eram divididos, dependendo de seu nível de leitura, em iniciantes, médios e avançados, e a escrita só era ensinada aos alunos que alcançavam o nível avançado ou para aqueles que já tinham 12 anos de idade, mesmo não tendo alcançado esse nível. Essa exceção de fazia necessária, pois a maior parte dos alunos deixava a escola aos 14 anos para trabalhar. Segundo o *Guia* “os alunos das lições mais adiantadas serão localizados nos bancos mais próximos da parede, e os outros, em continuação, segundo a sequência das lições, em direção ao centro da sala” (LA SALLE, 2012, p. 259) e ainda, “contudo, aos que aprendem a escrever os colocará nos bancos não conforme a ordem em que estão, mas segundo seu tamanho: os que são mais ou menos do mesmo tamanho, num mesmo banco” (LA SALLE, 2012, p. 261).

Nesse sistema de ensino, o professor deveria passar lições específicas para cada grupo, sendo os momentos de leitura e os horários de aritmética os únicos em que ficavam todos os alunos envolvidos na mesma atividade. Os exercícios de leitura eram acompanhados por todos os estudantes, independente de serem iniciantes ou não. Isso era possível porque as classes eram organizadas pelo ensino simultâneo (cf. TAVIAGLINI; PIANTKOSKI, 2013), ou seja, na classe estavam alunos de vários níveis de aprendizagem. La Salle propunha que os alunos fossem agrupados, em sala, pelo que já sabiam, o que pode estar representado na imagem, pelas diferentes disposições dos alunos, ao redor de La Salle. Nela, a maioria dos olhares volta-se em direção ao mestre, menos o de um pequeno, sentado a sua esquerda que continua absorto na leitura.

Uma sala de aula com a presença de vários alunos é uma característica das escolas cristãs criadas pelos Irmãos das Escolas Cristãs, no entanto, o ensino simultâneo já havia sido defendido por Comenius em seus escritos. Por exemplo, na *Didática Magna* afirma que

O nosso método didático exige necessariamente que todos os alunos de uma escola sejam confiados ao mesmo professor, para que os eduque e instrua com os mesmos preceitos e os forme gradualmente, desde o princípio das lições, nem deixando que nenhum vá embora antes do fim. Assim se conseguirá que um só professor seja suficiente para uma população escolar muito numerosa, e que todos aprendam tudo, sem lacunas nem interrupções. (COMENIUS, 2006, p. 462).



Porém, é com os Irmãos das Escolas Cristãs que o método simultâneo generaliza-se pela Europa, é sistematizado e aperfeiçoado, “aplicaram-no em todas as suas escolas, a todos os seus alunos da mesma sala ou divisão, independente do número deles, e em todas as disciplinas” (HENGEMÜLE, 2007, p.43).

O modo de construção de perspectiva da pintura puxa nosso olhar para o centro do quadro, local de encontro das paredes. Flores e Wagner (2012) ressaltam que a perspectiva não pode ser considerada uma técnica ingênua de representação e que, tendo sido elaborada culturalmente, constitui modos específicos de olhar. Assim, podemos conjecturar que o modo como a perspectiva foi utilizada no quadro aqui interpretado, pode nos indicar que essa descentralização da figura de La Salle no quadro busca induzir em quem a observa a conclusão de que em tal sistema de ensino o centro não seria o mestre, nem os alunos.

Chama nossa atenção também a pintura ter 12 meninos, talvez uma referência aos 12 apóstolos que ouvem e seguem a Jesus Cristo representado por La Salle. Todos os meninos possuem pele clara e as vestimentas das crianças têm pequena variação de cores, os pupilos estão calçados, o que na época não era usual para pessoas muito pobres. Isso faz com que não pareçam ser crianças maltrapilhas, o que pode corroborar a ideia de que as escolas dos Irmãos atendiam meninos pobres e crianças em melhor situação econômica ou que Mariani não tenha querido representar a pobreza extrema dos despossuídos que talvez frequentassem as escolas do século XVII, em seu quadro do período de beatificação de La Salle, no século XIX.

A cadeira com braços de La Salle conhecida como “cadeira do mestre” nos remete a um trono e fica sobre um estrado, de modo que o mestre permaneça a uma altura superior a dos alunos, seu distanciamento materializa uma posição de hierarquia e autoridade. A cadeira dos mestres medirá “desde o assento até o estrado, 20 polegadas; o estrado, onde se encontra a cadeira, medirá 12 polegadas de altura; do assento até o alto do encosto, haverá 18 polegadas. O assento será de palhas.” (LA SALLE, 2012, p. 242). O poder atribuído ao professor em sala de aula, de certo modo, assemelha-se ao de um rei perante seus súditos. Porém, o crucifixo, fixado na parede não apenas remete ao cristianismo, mas sua posição acima da cadeira do mestre pode significar que Deus está acima de La Salle e a posição da cabeça de Jesus sugere que ele observa as ações do pedagogo. Neste sentido, “o mestre não é a autoridade suprema: é para Deus que se orientam todos os olhares; é somente d’Dele que podem emanar as ordens: de sua

vontade decorrem as orientações a serem tomadas” (POUTET, 2001, p.114). O ramo de palmeira preso à cruz nos lembra a Bíblia que a cita em várias passagens. Por exemplo, na jornada dos judeus pelo deserto destacam-se as palmeiras de Elim (Ex 15.21), quando Jesus entrou em Jericó, o povo foi ao seu encontro com palmas (Jo 12.13), além disso, afirma-se que o justo florescerá como palmeira (Si 92.18). Assim, aquele ramo pode estar se referindo a que os ensinamentos recebidos naquelas escolas seriam o alimento para fazer florescer a justiça pela recepção de Jesus por parte dos que ali se encontravam.

Mais ou menos na mesma altura entre o crucifixo e o alto da cadeira do mestre na outra parede encontramos parte de um oratório, cuja santa ou santo de devoção não fica explícito, porém supomos ser da Virgem Maria considerando a referência que consta no *Guia* de que “em cada sala, haverá também um crucifixo em papel, uma imagem da Santíssima Virgem, uma de São José, do anjo da guarda e as cinco sentenças mencionadas no artigo 5º, do capítulo 2 desta 2ª parte. Tudo colocado numa moldura ou caixilho” (LA SALLE, 2012, p. 241). Cesare Mariani parece fazer o recorte de uma cena na qual o oratório e outros objetos aparecem parcialmente, o que nos chama atenção e dá certo realismo a imagem que parece ser “capturada” pelo artista e que nos coloca também na posição de espectadores da cena. Uma cena ao mesmo tempo particular, mas que poderia representar qualquer sala de aula da época se não fosse pela presença de La Salle.

Na imagem que aqui analisamos, há um Irmão que acompanha La Salle em sala de aula, que observa os movimentos do mestre e atrapalha a visão de um aluno que se esquiva para acompanhar os ensinamentos. A luz, no quadro de Cesare Mariani, entra da esquerda e nos permite perceber o olhar respeitoso e a atenção com que o Irmão observa La Salle. A presença do Irmão reafirma a ideia de que La Salle era também um formador de professores. O pedagogo ao perceber que os professores não tinham formação suficiente para atuar nas escolas por ele idealizadas, passou a realizar a formação de professores entre pessoas laicas, criando assim, a congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Os Irmãos eram pessoas que não pertenciam à hierarquia da Igreja, mas faziam voto de obediência. Conviviam a partir de regulamentos que tinham por objetivo formar hábitos de conduta, e, em 1694, assumiram para si a denominação Irmãos das Escolas Cristãs. Os Irmãos assumiam o compromisso de manterem “juntos e por associação” escolas gratuitas a partir de uma vida religiosa em comunidade, porém

leiga, pois “na sociedade hierarquizada do século XVII, a dignidade sacerdotal comportava privilégios sociais, eleva acima da condição humana. Ora La Salle deseja que os Irmãos e alunos estejam no mesmo nível para se ajudarem mutuamente” (POUTEST, 2001, p. 86).

Além disso, um elemento que os identificava entre as pessoas era a vestimenta, o hábito, que podemos observar tanto em La Salle como no Irmão, mestre-escola, da pintura. Segundo Corbellini (2000) para o grupo fundador da Congregação o “hábito” é um elemento externo que os identifica, pois “eles se percebem semelhantes a outras comunidades de seu entorno, reconhecem suas limitações sendo a veste comum um limitador de suas atitudes, sobretudo em relação ao ‘mundo’ que abandonaram, sentem mais facilidade em assumir o espírito do grupo, já não se consideram como empregados de alguém que lhes financia a vida e paga o trabalho.” (CORBELLINI, 2000, p. 6). Os irmãos visitavam as famílias das crianças, meninos pobres do local em que instalavam as escolas<sup>3</sup> para conhecer a vida de seus alunos e convencer as famílias sobre a necessidade de seus filhos freqüentarem a escola, criavam rotinas de vida e faziam experimentos sobre formas de ensinar. Tais experiências foram sistematizadas por La Salle no livro, já citado aqui, *Guia das Escolas Cristãs*.

Na sala há também símbolos do conhecimento científico, tais como uma pena, um globo terrestre, mapas na parede e livros, muitos livros. Eles estão espalhados pelo chão e estão também no alto, ao lado de La Salle o que denota uma preocupação também com o ensino dos conteúdos de caráter propedêutico. Nesse sentido, tal imagem nos faz lembrar a capa da primeira edição do *Didática Magna*, de Comenius, em que o autor aparece rodeado de objetos que simbolizam o conhecimento científico, conforme observamos a seguir (Figura 2):

---

<sup>3</sup> Foram ao total 49 escolas, das quais apenas 20 estavam em funcionamento à época da morte de La Salle (cf. TAVIAGLINI; PIANTKOSKI, 2013).



**Figura 2** - Capa do livro Didactica Opera Omnia (1627)

**Fonte:** Didactica Opera Omnia (1627)

No século XVII, os protestantes passaram a ensinar, em seus recém criados Ginásios Acadêmicos, o que hoje denominamos por conhecimento científico, tanto como forma de divulgar a ciência criada e utilizada pela burguesia ascendente, quanto para se opor ao ensino das escolas jesuíticas (cf. BRITO, 2012) e tal conteúdo diferia daqueles ensinados nas escolas lassalistas do século XVII, pois, conforme o *Guia*, tais conhecimentos não eram ensinados, já que o ensino se atinha à escrita, leitura, ao cálculo e à geometria e desenho para alguns alunos (cf. GEUX, 1875). No entanto, à época em que o quadro foi pintado, os lassalistas defendiam o ensino intuitivo uma vez que, segundo o abade Geux,

O ensino, por meio dos olhos, denominado intuitivo, é de um efeito prodigioso porque não exige nenhum esforço das crianças e o resultado é instantâneo. É isso que nos explica porque há uma multiplicidade nas salas da escola de lousas negras, ábacos, gravuras, cartazes com os números, sobretudo para o sistema métrico, sólidos para a geometria e desenho linear, cartas geográficas, globos terrestres e celestes. (GEUX, 1875, p. 122-123).

Como na imagem do *Didática Magna*, os livros estão espalhados em diferentes níveis no quadro de Mariani. Os livros abertos e espalhados pelo chão causam certo estranhamento, pois a disciplina do corpo e da mente e a organização no espaço são características fortes presentes tanto nos textos escritos de La Salle e dos Irmãos das Escolas Cristãs, como em outras obras pintadas e desenhadas que retratem La Salle em

sala de aula. Neste sentido, nos fazemos uma pergunta: o que o pintor quis nos dizer? Os livros no chão nos remetem ao fato de serem eles e sua leitura, o fundamento, a base para o conhecimento nas escolas lassalistas, mas não apenas isso, pois há neles outros conhecimentos mais elevados, simbolizados pelos livros na pequena estante à altura da cabeça do mestre. Talvez sejam livros de teologia, já que La Salle era doutor em teologia pela Sorbone.

O ângulo em que o quadro foi pintado coloca o observador como mais um aluno, sugerindo que devemos aprender com os ensinamentos de La Salle, ou seja, essa imagem não pretende apenas representar uma sala de aula lassalista, mas também, educar nosso olhar e nosso modo de pensar sobre aquele ensino.

### Referências

BRITO, A. J. *A matemática e seu ensino no século XVII: dois ensaios*. Tese (Livre-docência) UNESP, Rio Claro, 2011.

BRITO, A. J. O ensino de matemática no século XVII: entre a religião e as disputas político-econômicas. *Zetetiké*, v. 20, n. 38, p. 11-35, 2012.

CARTIER-BRESSON. *O imaginário segundo a natureza*. Tradução Renato Aguiar Paris: Editorial Gustavo Gili, 2004.

COMENIUS, J. A. *Didática Magna*. 5ª. Ed. Tradução Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CORBELLINI, M. A. A sociedade das escolas cristãs nas origens. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - EDUCAÇÃO NO BRASIL: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro 2000.

DALCIN, A. *Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Faculdade de Educação. UNICAMP, 2008.

FLORES, C. R.; WAGNER, D. R. Práticas do olhar na pintura do Renascimento: contribuições para a educação matemática. *REMATEC*. v.7, n.10, p. 9-20, 2012.

GARCIA, D. P. *A educação católica segundo os guias das escolas cristãs*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Centro de Educação e Ciências Humanas. UFSCAR, 2009. Disponível em [http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc\\_turma\\_2006/274445.pdf](http://www.ufscar.br/~pedagogia/novo/files/tcc/tcc_turma_2006/274445.pdf)

GARNICA, A. V. M. *A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

GARNICA, A.M. Analisando imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares. *BOLEMA - Boletim de Educação Matemática*, v. 23, n. 35, p.75-100, 2010.

GEX, M. *Institut des école chrétiennes ou le vénérable De La Salle, sus ouvrages et ses disciples*. Paris: J. Nierat et Cie, 1875.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 15ª. Ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1993.

HELVETICUS, C.; JUNGIUS, J. *Von der Didactica oder Lehrkunst Wolfgangi Ratichii*. Magdeburg: Gebrucht bey Wendelin Pohnl, 1621.

LOPES, J.R. Imagens e devoções no catolicismo brasileiro: fundamentos metodológicos e perspectivas de investigação. *Rever*, n. 3, p. 1-29, 2003. Disponível em: <<http://www.iesb.br/sippec/revista>>. Acesso em: 19 set. 2014.

PANOFISKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

POUTET, Y; PUNGIER, J. *La Salle e os desafios de seu tempo*. Canoas: La Salle, 2001.

SANTOS, P.S; FLORES, C.R; ARRUDA, J.P. Fotografias: o visível e o invisível de uma história do ensino da Matemática. *REMATEC - Revista de Matemática*, ano 8, n.13, p.7-22, 2013.

TAVIAGLINI, J. V.; PIANTKOSKI, M. A. JOÃO BATISTA DE LA SALLE (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna. *Revista HISTEDBR On-line*, n. 53, p. 16-40, 2013.

**ANDRÉIA DALCIN**. Possui Doutorado (2008) e Mestrado (2002) em Educação área de Educação Matemática pela Universidade Estadual de Campinas. Desenvolve pesquisas nos campos da História da Educação Matemática e Formação de Professores. Docente e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - FACED/ Departamento de Ensino e Currículo e no Programa de Pós Graduação em Ensino de Matemática do Instituto de Matemática (PPGEMAT). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de matemática, educação, história e filosofia da matemática e da educação matemática, formação de professores de matemática e ciências. Coordena o Subprojeto Matemática do PIBID/UFRGS. Coordena o curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo na UFRGS, campus Porto Alegre.

**ARLETE DE JESUS BRITO**. Professora Livre Docente em História e Educação Matemática, pela UNESP. Possui pós-doutorado pela Universidade de Bielefeld, Alemanha (2009) e doutorado pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Atualmente é professora da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Tem experiência na área de Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: historia da educação matemática e formação de professores.

Recebido: 23 de outubro de 2014

Revisado: 18 de fevereiro de 2015

Aceito: 11 de março de 2015